

# O INTELLECTUAL ASTROJILDO PEREIRA E A POLÍTICA CULTURAL DO PCB (1945-1958)<sup>1</sup>

*Santiane Arias*

## RESUMO

Trata-se de abordar a trajetória do intelectual marxista brasileiro, importante militante do PCB, no período entre 1945 e 1958. O contexto cultural é condicionado por circunstâncias históricas e ideológicas que partem da vitória contra o fascismo e se deslocam para a situação de 'guerra-fria', quando entre os comunistas passa a predominar o chamado 'realismo socialista' inspirado no dirigente soviético Zhdanov. A guinada do XX congresso do PCUS possibilitou uma nova abertura política e cultural na qual Astrojildo Pereira pode melhor se inserir, pois a cultura voltava ser a finalidade e não o instrumento ideológico da luta política.

**Palavras-chave:** Astrojildo Pereira; Política cultural do PCB.

O presente texto tem por finalidade discutir a atuação e a importância do intelectual e militante Astrojildo Pereira, nas iniciativas de políticas-culturais dentro do Partido Comunista Brasileiro nos anos de 1945 a 1958.

A escolha do referido período não é ocasional. É a partir da década de quarenta, em especial da segunda metade em diante, que o trabalho de organização e produção cultural dentro do partido, torna-se de forma progressiva mais sistematizada. Tendo a cultura uma importância cada vez mais central em sua atuação.

Entretanto, o sentido atribuído às questões culturais passa por verdadeiras transformações no decorrer dos anos cinquenta e de maneira mais significativa no final destes. Isso ocorre em decorrência da mudança do cenário histórico brasileiro, mas, sem dúvida, principalmente pela guinada na orientação do movimento comunista internacional, ocasionada pelo XX Congresso do PCUS (1956).

O PCB passa de um período de extrema radicalização e sectarismo, no qual toda produção cultural é norteada pelo Realismo Socialista Zhdanovista, para uma fase de significativa abertura. Esta última caracterizada por vários debates e a explosão de

---

<sup>1</sup> Pesquisa aprovada em 2000 pela FAPESP – Bolsa IC. Orientador: Professor Doutor Marcos Del Roio, Departamento de Sociologia e Antropologia – UNESP – Campus de Marília..

vertentes marxistas. Inicia a chega no Brasil: do eurocomunismo, do existencialismo, das idéias de Lukács, Goldman e da Escola de Frankfurt. Já dentro dos anos sessenta, alguns intelectuais já se aventuram nas obras sobre Gramsci. Todavia, este só penetrará no âmbito da política, a partir dos anos setenta. (COUTINHO, 1989).

Não bastasse esse quadro, a academia absorve a discussão marxista. Agora não tendo um aproveitamento apenas ideológico e político, mas filosófico, artístico e como método de análise da realidade. Toda essa pluralidade, resultará mais tarde na perda do papel central que o PCB até então teve, nas discussões sobre comunismo no Brasil.

Desta forma o debate marxista ganha outros ares e a importância da cultura um outro sentido. A cultura que antes estava a serviço da política, passa a ser o próprio fim.

### **O impasse entre política e cultura: o trabalho do intelectual**

Antes de entrarmos no cerne da nossa questão, convém definir em linhas gerais, o que é política cultural, a que tipo de cultura estamos nos referindo e como se dá o relacionamento entre esses dois conceitos ( política e cultura).

Política cultural são práticas, diretrizes que vão marcar a produção, a organização e a propagação cultural dentro da sociedade, na qual o embate político-ideológico é constante. (FEIJÓ, 1986; CHAUI et al., 1984).

O termo cultura o qual fazemos menção, não está aqui dotado do sentido antropológico. Este, com significado mais amplo é normalmente entendido, como “conjunto de práticas, idéias e sentimentos simbólicos dos homens com a realidade” (CHAUI et al., 1984 apud OLIVEIRA, 1998, p. 11).

Antes, estudamos o termo de forma mais restrita, referindo-se a *toda produção intelectual*, sendo esta o trabalho científico, o artístico ou o educacional. De forma mais clara: “Toda produção cultural ou manifestação voluntária, individual ou coletiva, que vise com sua comunicação à ampliação do conhecimento (racional e/ou sensível) através de uma elaboração artística, de um pensamento ou uma pesquisa científica.” (FEIJÓ, 1986, p. 8).

Uma outra questão, a qual Martins César Feijó faz menção e que é importante para o debate sobre política cultural, é que se ambos os termos (política e cultura) fazem um

casamento feliz. Ou seja, sendo a cultura uma manifestação da vontade, pressupondo liberdade, a política não cercearia, necessariamente, a produção e a manifestação cultural?

A essa questão, o mesmo autor responde:

Não se pode confundir cultura a serviço da política com política a serviço da cultura. Da mesma forma que pode existir política para a proibição, o cerceamento, o direcionamento, a imposição, também pode existir organização para o incentivo, para a criação, para o esclarecimento, enfim, para uma elaboração cultural que supere a própria política que lhe deu origem. (FEIJÓ, 1986, p. 9).

A íntima relação entre política e cultura, exigida pelas propostas de políticas culturais, insere na discussão a figura do intelectual. Esse que, de acordo com Michel Löwy, se define por sua ligação com as instâncias extra-econômicas da estrutura social. Ou seja, a peculiaridade desse grupo está na sua proximidade com a superestrutura ideológica. (LOWY, 1979, p. 1).

A função da *intelligentsia* é, portanto marcada, pela produção cultural (ideológica). Porém, muito embora trabalhe com o “*mundo do espírito*”, este não deixa de estar estreitamente vinculado com a realidade concreta e material da sociedade. Tendo em vista que:

A esfera ideológica desfruta de uma autonomia relativa que deve ser levada em consideração em toda a análise concreta; é bem evidente que o desenvolvimento do pensamento obedece a um conjunto de exigências internas de sistematização, de coerência, de racionalidade etc. Nada seria mais estéril do que procurar as ‘bases econômicas’ de todo o conteúdo de uma obra literária, filosófica ou política, ignorando as regras específicas de continuidade da história das ideologias, as particularidades de uma esfera ideológica determinada (arte, moral etc), ou as exigências de lógica interna da obra (ou mesmo os traços pessoais de um autor como individualidade psicológica determinada). (LÖWY, 1979, p. 13).

Desta relação entre a política e a cultura, surge uma politização da produção intelectual. Neste caso a posição do intelectual estará relacionada necessariamente, a uma postura político-ideológica, tirando-o da sua condição relativamente autônoma, permitida pelo seu distanciamento do processo de produção material.

É justamente este tipo de intelectual que Astrojildo Pereira pensa na sua abordagem. Um intelectual comprometido com uma postura política e social. Mesmo

porque a teoria de uma intelectualidade neutra, segundo suas concepções, é impossível. Para ele a inteligência nacional tem um papel fundamental no papel de transformação da sociedade, portanto não pode se ausentar dos seus compromissos.

Durante toda sua vida defende essa tese. E em 1963, organiza em um livro *Crítica Impura*, seus ensaios que discutem basicamente a relação entre política e cultura e a importância da intelectualidade na construção de uma cultura nacional popular. Nessa obra tece duras críticas a tentativa de alguns artistas e escritores produzirem algum trabalho ou uma obra “pura”. Falando sobre o livro ele diz:

Não haja dúvida: tudo aqui é ‘impuro’ - a filosofia, a crítica, a matéria criticada. Em suma, ‘crítica impura’ significa simplesmente o contrário de ‘crítica pura’ ou ‘crítica pela crítica’, que vem a ser a aplicação à crítica, da teoria idealista da ‘arte pura’ ou ‘arte pela arte’. Parafraseando Lunatcharski, direi ainda que a teoria da ‘crítica pura’ ou ‘crítica pela crítica’, que pretende colocar-se à margem das lutas ideológicas e políticas, é também uma teoria que exprime determinada posição ideológica e política. E com isto tenho dito tudo - relativamente ao título e sua intencionalidade. (PEREIRA, 1963, p. 15).

### **Astrojildo Pereira e a abertura de fronteiras no PCB**

Dentro deste debate é que inseriremos o intelectual Astrojildo Pereira e a política cultural do Partido Comunista Brasileiro durante os anos de 1945 a 1958.

O intelectual da década de 40 é fundamentalmente político. “Político para livrar-se da política”. Uma geração que vivia o caos da Segunda Guerra Mundial, o perigo constante do fascismo e o crescimento dos regimes totalitários.<sup>2</sup>

Principalmente a partir de 1945, ocorre uma extrema politização da cultura, como, instrumento de luta contra o nazismo. A crise e o horror que causara os efeitos da guerra, fez nascer uma forte preocupação com as questões democráticas, assunto que mobilizará e articulará intelectuais não só comunistas, como todos aqueles com discursos mais progressistas.

Num dos capítulos de sua tese, *Ideologia da Cultura Brasileira: 1933-1974*, Carlos Guilherme Mota analisa as diferenças existentes entre as “gerações” de 20 e 40.

---

<sup>2</sup> A frase entre aspas e de uma citação de Mata-Machado, num depoimento dado por 29 intelectuais e coordenada por Mário Neme. Depoimentos analisados por Carlos Guilherme Mota, no livro *Ideologia e Cultura Brasileira*.

Em vários depoimentos colhidos, o julgamento é o mesmo: ambas são muito diferentes, a segunda é mais séria e responsável em relação ao tom marcadamente boêmio da primeira.

Contrapondo as duas gerações, Antônio Cândido aponta a distinção de classes existentes entre esses intelectuais. A de vinte, possuía uma visão mais fechada de mundo e sociedade, uma intelectualidade “senhorial”. A outra é mais aberta e progressista, porque é ligada a uma visão mais urbana do processo histórico-cultural.

O final da guerra marca especialmente a sociedade brasileira com o fim do Estado Novo (1937-45), o que resultará num movimento de democratização que mexerá com os ânimos da intelectualidade do período. Toda a complexidade que o país vai adquirindo no curso do seu processo de modernização, influencia a camada intelectual, basicamente resultante da classe média a sua organização e constituição enquanto trabalhadores assalariados, aumentando sua independência frente ao poder público.

O próprio desenvolvimento do capitalismo, ao criar um mercado de força de trabalho intelectual, alterou a situação dos produtores de cultura; a possibilidade de exercerem sua função já não depende do favor pessoal, já não resultava da cooptação. O velho intelectual mandarim, prestigiado por possuir cultura, converter-se em trabalhador assalariado. (NETTO, 1990, p. 30).

Não é coincidência que no mesmo ano (1945) aconteça o primeiro Congresso Brasileiro de Escritores, um dos principais sinais dessa onda democrática. Astrojildo Pereira, ainda afastado do PCB, tem importante atuação nesse evento, no qual defendia, junto a outros intelectuais uma política de educação e cultura.

Dentre as mudanças previstas neste projeto estava, como medida importante, a aproximação maior dos intelectuais e toda produção artística com a classe popular. A cultura deveria estar enraizada na vida do povo, alimentada nas suas tradições, necessidades, sofrimento e aspirações.

Após ser expulso e passar quase quinze anos afastado das fileiras do partido, Astrojildo Pereira, que sempre tivera uma relação muito estreita com escritores, fora aceito de volta ao PCB. Contudo, todos esses anos longe provocaram mudanças - no não tão mais jovem mais nem por isso menos comunista - militante.<sup>3</sup>

Astrojildo Pereira volta em 1945, justamente nesse período de abertura do partido e momento em que faz as pazes com a intelectualidade nacional. Entretanto, sua

---

<sup>3</sup> Astrojildo Pereira havia sido expulso das fileiras do Partido em 1930, num período de radicalização da linha política do PCB, orientação que seguia todo o movimento comunista ligado a Internacional Comunista.

função dentro do PCB será outra. Ao invés de fazer parte do Comitê Central, como ocorrera durante todo os anos 20 até sua expulsão, passa a trabalhar com a organização da *cultura da esquerda*.

Além de Astrojildo, vários intelectuais reingressam ou iniciam sua trajetória dentro do partido. Sendo o período de mais rica presença de intelectuais no PC. ‘Parecia que poucos eram os entraves que ainda restavam a impedir uma rica coexistência entre Partido e intelectuais’ (MORAES, 1998).

O Partido Comunista Brasileiro se beneficiou muito dessa fase. Foi legalizado, elegeu parlamentares e cresceu de forma exorbitante, tornando-se um partido de massa. São feitas alianças com intelectuais democratas, as quais Astrojildo Pereira era o organizador. Ele passa a organizar a intelectualidade brasileira (comunista/simpatizante/democrata) para atuação em revistas teóricas e de literatura. Quer dizer, Astrojildo inicia tentativas de políticas-culturais mais coesas e sistematizadas, fruto do seu período de estudo e envolvimento em atividades culturais extrapartidárias. Nas palavras de Oliveira:

Este período corresponde não sem razões ao ‘boom’ editorial do partido, sendo ainda o momento em que os militantes para ali retornam (até mesmo os expulsos, como Astrojildo Pereira), fazendo crescer suas atividades culturais, de cuja amplitude se pode ter uma idéia a partir da síntese de Rubim: ‘São várias as revistas do partido ou influenciadas por ele; uma vasta rede de jornais espalhados por todo o país, em quase todas as capitais e importantes cidades do interior; são diários com tiragens razoáveis para o Brasil de então; veículos especializados; empresas gráficas, agência de notícias, além de inúmeras atividades no campo da produção cultural.’ (OLIVEIRA, 1998, p. 8).

## **A Guerra Fria e o recrudescimento da abertura**

Entretanto, todo esse momento democrático e de alianças é rechaçado por um período de radicalização. Abre-se uma fase de tensão e constante combate ideológico, denominado por Guerra Fria. O governo Dutra rompe relações diplomáticas com a União Soviética e decreta a ilegalidade do PCB, cassando seus parlamentares.

Diante desse quadro o partido responde rompendo suas alianças com a ala progressista e se fecha num extremo sectarismo e radicalização das suas posturas.

Astrojildo, que até então estava em intensa atividade de articulação entre os

intelectuais, tem que romper as relações estabelecidas e seguir a orientação do partido. Como nos diz Leandro Konder:

Para Astrojildo, era extremamente difícil se opor à onda de sectarismo. Há pouco, tinha sido readmitido nas fileiras do PCB, após um doloroso período de mais de 13 anos de marginalização. [...] Rompeu com aliados da véspera, destruiu pontes que haviam sido laboriosamente construídas ao longo de um diálogo de várias décadas. Deixou de lado seu espírito crítico e praticou o culto de Stálin e de Prestes. (KONDER, 1991, p. 67).

A divisão do mundo em dois blocos político-ideológicos resultara não apenas numa corrida armamentista, como se sabe. Mas uma intensa luta pelo domínio dos meios culturais de massa. Ganhar força nesse momento significa, mais do que deter armas poderosas, cooptar a opinião pública. São constantes as acusações mútuas entre os dois lados, na intenção de desgastar a imagem do inimigo. No Brasil a imprensa oficial se reveste com ataques anticomunista e antisoviético.

Nesse momento da história diversas ocorrências pelo mundo atestam a bipolarização, como exemplo: a corrida armamentista e a conseqüente ameaça nuclear. O domínio Soviético sobre o Leste Europeu, a ascensão do PC na China e a construção do Muro de Berlim. Dão força a essa orientação política. Os intelectuais sensíveis a esses fatos inicia uma intensa produção jornalística, artística e científica de caráter fortemente combatente.

A forte censura, que marca o final de 1940 e a primeira metade da década de 50, implica num refluxo político do PCB nas instâncias tradicionalmente constituídas. Como alternativa ele passa a centrar fogo no campo cultural. A política-cultural partidária que constitui uma forma de organização da cultura, é também um meio de intervenção na produção cultural, intervenção que pode variar de acordo com o contexto. Não podemos esquecer que: “a questão da cultura está intimamente relacionada com a da ideologia e com dominação política através das idéias.” (CHAUI et al., 1984, p. 15).

Nos anos cinquenta a intervenção do partido na criação cultural foi incisiva. As publicações literárias, através da editora Vitória (do partido), são cada vez mais freqüentes. Devido a censura era difícil editar livros de Marx, Engels, menos ainda Lênin e Stálin. Assim, aparecem publicações de Charles Dickens, Gorki, Tostói, além de jovens autores como Osvaldo Alves e Raimundo de Sousa Dantas.

De acordo com Ilka de Oliveira, a literatura nesse período tem papel central na difusão das idéias marxistas. Ela não é usada mais apenas para a captação de recursos, mas também se transforma em instrumento político. Não é incomum o partido solicitar ao escritor a produção de algum romance.

A implementação de instituições culturais, tal como as editoras Vitória e Horizontes, a formulação de projetos culturais, toda produção cultural, em especial a artística, que sempre coube um papel secundário passa a ser um importante meio de luta. Entretanto, para o Comitê Central a cultura permanece como mero instrumento político. A política era o fim, a cultura o meio.

O suporte teórico do qual provinham as diretrizes a ser seguida na produção artística, era o Realismo Socialista Zhdanovista. No final da década de quarenta e boa parte dos anos cinquenta é grande o esforço do Boreal político de disseminar tais idéias entre os intelectuais ligados ao partido. Vejamos:

É justamente em meados desta década que ocorre um evento significativo [...]: uma reunião de intelectuais do partido no Rio de Janeiro em caráter nacional. Em entrevista à autora, Jacob Gorender declarou ter sido este evento, dirigido por Diógenes Arruda, então braço direito de Prestes, realizado provavelmente no ano de 1950 em caráter clandestino num apartamento em Copacabana, com a presença de 25 a 30 intelectuais militantes, dentre eles, James Amado, José Eduardo Fernandes, Osvaldino Marques, Carrera Guerra, Arnaldo Estrela, Moacir Werneck de Castro, Astrojildo Pereira, Alina Paim e Dalcídio Jurandir. O historiador lembra que o objetivo era 'implantar a teoria do realismo socialista entre os intelectuais comunistas' e, embora não tivesse havido intervenção teórica alguma sobre o assunto, dali saíram 'alguns resultados imediatos [...]'(OLIVEIRA, 1998, p. 16).

## **Realismo Socialista no Brasil**

O Realismo Socialista é: "um pensamento político-cultural que se desdobrou em práticas disseminadas por várias áreas do conhecimento e que foram retrabalhadas pelo movimento comunista na ótica cultural de diversos países" (OLIVEIRA, 1998, p. 25).

A concretização de uma nova sociedade (com a revolução socialista) suscitou questões acerca do patrimônio cultural deixado pela antiga classe dominante. Além da preocupação com a construção de uma nova cultura que desse sustentação e forma à nova ordem sócio-econômica.

A literatura, em cujo método foi mais utilizado no Brasil, requereria novos heróis, os quais deveriam fazer parte da classe trabalhadora. A produção cultural deveria ter vínculos profundos com a realidade concreta do país. Todas as diretrizes previstas no realismo socialista tinham como alvo, a princípio, a construção de uma arte para a massa. A cultura teria que passar por um processo de deseletização .

Todavia, as leituras propositadamente ou não equivocadas, além dos percalços oferecidos pelo processo histórico, levaram (no período de Guerra Fria) a um desfocamento dessa proposta. Marcando na história o Realismo Socialista como uma forma intolerante e castradora da produção artística.

A confusão entre a captação da realidade, complexa e dialética, com a factualidade, aparência das coisas, proporcionou a criação de uma literatura mais próxima do naturalismo do que realista. Outro problema, não menos grave para o desenvolvimento das artes, foi a subjugação exacerbada da forma ao conteúdo. O conteúdo e o sociologismo, como diz Konder, acabou por empobrecer a produção artística.

De acordo com os formuladores desse pensamento, a nova sociedade (econômica e politicamente) já havia se instaurado, carecer-se-ia apenas da constituição de um novo espírito que correspondesse a ela. Ao Realismo Socialista caberia esse papel, como percebemos pelo trecho abaixo:

[o] método básico da literatura soviética e da crítica literária, [que] exige do escritor sincero uma apresentação historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Assim, a veracidade e o aspecto historicamente concreto da representação artística da realidade devem se aliar à tarefa de mudança ideológica e de educação dos trabalhadores no espírito do socialismo”. (ROBIN, 1986, p. 36 apud. OLIVEIRA, 1998, p. 30).

A idéia de instrumento e de arma, que a cultura e particularmente a arte, assumiu nessa fase do movimento comunista internacional, chega ao Brasil com toda força no final da década de quarenta e desenvolve-se durante quase toda a década de cinquenta. Quando em 1958, por conseqüência do relatório de Krushev (1956), o PCB assume uma nova política caracterizada por um processo de desestalinização.

Apesar dos aspectos negativos levantados, é necessário ter-se em mente, que o Realismo Socialista não foi apenas este vislumbrado por Zhdanov, embora tenha sido

este que vigorou nesse período de Guerra Fria. Outros marxistas colaboraram para pensar as artes dentro do materialismo histórico. Acerca disso, esclarece Oliveira:

Lukács, um dos grandes colaboradores tanto das discussões do realismo socialista quando de sua crítica, postulava uma continuação do realismo clássico francês; Gorki, embora tenha sempre seu nome atrelado à política cultural de Zhdanov, apresenta vários traços de um humanismo que identifica o realismo socialista ao romantismo revolucionário; e vários autores se referem a um romantismo revolucionário que se coloca mais como uma visão de mundo que se expressa na arte do que um estilo literário propriamente dito; é o caso de Ernst Fischer e de Bertold Brecht, por exemplo. (OLIVEIRA, 1998, p. 33).

A esse respeito, de pensar a produção cultura e o papel do intelectual, enquanto portador dessa ‘arma ideológica’, Astrojildo diz:

[...] a melhor forma de luta que os intelectuais podem empregar na defesa do caráter nacional da nossa cultura, consiste em produzir novas obras - sobretudo nos domínios da literatura, da arte e da ciência - que explorem temas nacionais, que retratem com honestidade os sentimentos, os problemas, as lutas, as esperanças no nosso povo. (PEREIRA, 1954).

### **O relatório de Krushev e o processo de desestalinização do PCB**

Ventos de mudança já rondavam o Partido Comunista Brasileiro desde da segunda metade da década de 1950. Quando da morte de Getúlio Vargas (1954) a linha política do partido, que se balizava em ataques diretos ao seu governo, se viu obrigada a recuar frente a comoção popular, causada pela morte do então presidente da República. Além das discussões acerca de renovação do marxismo, que se iniciava na Europa e que chegava no Brasil por intermédio de alguns intelectuais.

Todavia, o ponto nevrálgico da crise deriva do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Questão que tomará conta das discussões do partido durante o resto dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, causando mesmo dissidências internas. Nikita Krushev denuncia os crimes cometidos no período stalinista, a ditadura do Partido e o culto à personalidade de Stálin. Nas palavras de Oliveira:

[...] os documentos elaborados após a morte de Vargas, bem como a participação nas eleições de 1955 e a estabilidade democrática não

conseguiram quebrar o bloco monolítico de tão dura linha ideológica seguida até então. Somente a crise advinda do XX Congresso provocaria mudanças mais profundas, estilhaçando uma ideologia que deixaria raízes nas várias facções da esquerda que a sucederam. Paralelamente às tentativas de retomada de diálogo no campo político, florescem no período as campanhas pela paz mundial, a Coleção Romances do Povo, a mais importante iniciativa literária do PCB, assim como se intensificam os trabalhos de educação política. (OLIVEIRA, 1998, p. 15).

A própria União Soviética passava por um momento de significativas mudanças, que apontavam para uma possível abertura e revisão da linha política adotada até então. Fase que iniciara com a morte de Joseph Stálin (1953). É o que nos mostra Perry Anderson:

De 1954-1960 a sociedade soviética parecera estar se afastando em conjunto do monopólio inalienável de Stálin, quando os campos de trabalhos foram dissolvidos, os prisioneiros libertos, a vida cultural liberalizada, as reformas econômicas transferidas para o benefício dos consumidores da zona rural, e proclamada uma nova política internacional de 'coexistência pacífica'. (ANDERSON, 1985, p. 83).

O impacto que essas revelações tiveram no PCB assumiu proporções não esperadas. A confusão causada - principalmente para um partido, no qual o grupo de dirigentes tinha sido formado na escola do estalinismo - provocou a necessidade de um debate acerca das questões e mistificações criadas sobre o assunto.<sup>4</sup>

Os primeiros a publicar o relatório de Krushev foram os órgãos da imprensa oficial. O Partido negava, dizendo se tratar de ataques anticomunistas. Entretanto, dentro do próprio PCB a dissensão já se mostrava inevitável. Vendo que a possibilidade dos ditos *revisionistas* - que defendiam a mudança completa da linha política e até a reavaliação da estrutura do partido - de vencerem a discussão era eminente, o Comitê Central assume a direção do debate.

Em 1958, como resultado das discussões, elaboram a *Declaração de Março de 1958* que aponta a *nova política* adotada pelo PCB. Dentro destas diretrizes estavam previstas, dentre muitas outras coisas, a construção de uma marxismo nacional, pautado na realidade concreta do país e uma liberdade maior para o trabalho do intelectual e artista do partido.

---

<sup>4</sup> - Retirada da entrevista realizada com Armênio Guedes, feita pela autora em 02/06/99. Armênio Guedes foi militante do PCB e participou do processo de renovação, juntamente com outros intelectuais que optaram por permanecer nas fileiras do partido, da linha a ser seguida dali por diante.

Enquanto grande parte da intelectualidade se afasta do movimento comunista, Astrojildo Pereira continua seu trabalho dentro deste. Faz uma autocrítica assumindo que também praticou o culto à Stálin e inicia novamente seu papel de organizador da cultura. Função que deste período até o fim de sua vida (1965), se concentrará na direção da revista *Estudos Sociais*. Revista a qual se propunha reunir intelectuais não só comunistas, como toda a intelectualidade ligada ao pensamento democrático.

Após, assumir uma nova linha política toda a imprensa partidária passará por reformulações. Grande parte dos jornais e revistas que publicavam traduções de textos soviéticos, foram abolidos. Criaram-se jornais que discutissem o contexto político nacional e revistas teóricas que abordavam estudos sobre a formação sócio-econômica e cultural brasileira. Além de diversas correntes de pensamento vistas *à luz do marxismo*.

Apesar de todas as transformações que o Comitê Central sofrera, os setores que se mostraram mais sensíveis às denúncias do congresso, foram, sem dúvida, a juventude e os intelectuais. (RUBIM, 1998). Muitos dos quais ressentidos com o PCB se afastam de suas fileiras.

A intelectualidade que permaneceu no partido, afastou-se das decisões de cunho estritamente político, participando mais de organizações e publicações em revistas e grupos de estudos teóricos. Trata-se de uma nova *geração* de intelectuais. Jovens formados na academia e que debatiam as mais diversas linhas do pensamento, inclusive os vários marxismos que aqui aportavam. É nesse período que as obras de Lukács chegam ao nosso país. Vejamos:

Quem efetivamente divulgou a obra lukacsiana no Brasil foi um grupo de intelectuais ligados ao PCB. Após o XX Congresso do PCUS, a tentativa de renovar o pensamento marxista e livrá-lo do esquematismo da vulgata stalinista fez com que alguns intelectuais vissem em Lukács um pensador fecundo e, ao mesmo tempo, herdeiro da melhor tradição cultural do movimento comunista. (FREDERICO, 1996, p. 127).

Deste quadro resulta discussões sobre filosofia e estética, temas antes marginalizados pelos membros do partido comunista. E até mesmo, o ingresso do marxismo na universidade, marcam uma nova abordagem ao pensamento marxista. Uma valorização maior de estudos teóricos e o reconhecimento da questão cultural, fundamentalmente da arte, na construção de um novo homem.

Desde o relatório, Astrojildo Pereira se propôs a repensar a postura até então assumida pelos militantes do PC brasileiro. Deixando clara a necessidade de se superar o dogmatismo, sem no entanto cair no revisionismo. Como ele nos diz:

Não devemos aceitar nada que pretenda impor-se como sendo a última palavra, seja sobre que assunto for, venha de onde vier, inclusive Marx, Engels e Lênin. Só devemos aceitar, seja o que for, como expressão no máximo de uma penúltima palavra a ser discutida, mastigada, assimilada ou repelida em parte ou no todo. (PEREIRA, 1956, p. 3).

Todo essas questões que foram suscitadas serviram para enriquecer o debate do pensamento marxista no Brasil. Abriu-se uma fase mais plural e ,talvez, mais complexa das formas de interpretação da realidade nacional. Entretanto, o PCB perdeu o monopólio, que até então detinha, do marxismo no país.

Nessa nova fase, como afirmava Georg Lukács: “a política é apenas um meio, a cultura é que é o fim.” (apud KONDER, 1996?)

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, P. *A crise da crise do marxismo: introdução a um debate contemporâneo*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. (Org.). *Lukács: um galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.

CHAUÍ, M. et al. *Política cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

COUTINHO, C. N. *Cultura e sociedade no Brasil*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

FEIJÓ, M. C. *O que é política cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KONDER, L. Estética e política cultural. In: ANTUNES, R.; RÊGO, W. L. (Org.). *Lukács: um galileu no século XX*. São Paulo: Boitempo, 1996.

LÖWY, M. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MORAES, J. Q. (Org.). *História do marxismo no Brasil (III): teoria e interpretações*. Campinas: UNICAMP, 1998.

OLIVEIRA, I. M. *A literatura na revolução*. 1998. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

PEREIRA, A. *Crítica impura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

RUBIM, A. A. C. *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*. In: MORAES, J. Q. (Org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1998.

SANTOS, Raimundo. *A renovação pecebista: reflexos do XX Congresso do PCUS no PCB (1956-1958)*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1988.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 2001.**